

## 4

### A Leitura e a Escrita nas múltiplas práticas escolares

*“A encarnação do texto numa materialidade específica carrega as diferentes interpretações, compreensões e usos de seus diferentes públicos”.*

Roger Chartier

Este capítulo pretende descrever as práticas de leitura<sup>10</sup> e escrita existentes no universo escolar da instituição investigada no que concerne aos seus diversos espaços e atividades. Atribuirei, para efeito de delimitação das descrições e posteriores análises a expressão práticas “relacionais” àquelas que ocorrem fora dos ambientes reconhecidos no senso comum como mais formais de ensino e aprendizagem. Esses ambientes são os corredores, a sala dos professores, dos coordenadores e orientadores, assim como os espaços de recreio e circulação dos atores escolares. As práticas relativas às experiências tidas como formais de transmissão e produção de conhecimentos, como as salas de aula, a biblioteca e os laboratórios serão denominadas práticas “didáticas”. Não que essas práticas também não sejam relacionais, mas ambas foram expressões nativas colhidas nas falas de alguns entrevistados que as apresentaram dessa forma.

Procurei descrever os ambientes institucionais em que essas práticas aconteceram e proceder a uma análise dos modos de circulação e de apropriação dos escritos que se apresentaram, buscando o significado atribuído às escolhas dos variados suportes no universo escolar por seus principais atores, os professores e os alunos, tendo como fundamentação, principalmente, a teoria de Roger Chartier, na linha da História Cultural.

Para esse estudioso francês, *“o objeto fundamental de uma história que visa reconhecer a maneira pela qual os atores sociais dão sentido às suas práticas e aos seus enunciados situa-se, portanto, na tensão entre, de um lado as capacidades inventivas dos indivíduos ou das comunidades e, do outro, as restrições e as convenções que limitam – com mais ou menos força segundo as*

---

<sup>10</sup> É importante distinguir o uso do termo ‘leitura’ em seu sentido mais amplo e metafórico – a leitura de uma imagem, de um ritual, uma paisagem etc. – daquele que lhe atribui Chartier (2001), qual seja, a leitura de um texto pertencente ao mundo das práticas discursivas, leitura de textos, historicamente variáveis.

*posições que ocupam nas relações de dominação – o que lhes é possível pensar, dizer e fazer”* (2006), p:39).

No universo escolar, essas tensões residem entre as possibilidades criativas de alunos e professores no exercício de cada atuação e a própria dinâmica escolar com suas limitações e normas. O uso, mais ou menos controlado, do que é lido e escrito, assim como sua forma de apropriação, revelam as práticas e representações no que tange à leitura e à escrita dessa comunidade.

Para Chartier (2001), a materialidade do texto e a corporeidade do leitor, não somente a física, devem ser levadas em conta, já que ler é fazer gestos. Mas é importante também considerar a corporeidade social e culturalmente construída. Corpo, livro e texto. São, portanto, as múltiplas práticas cotidianas que se pretende analisar, na linha da história da leitura e da escrita em uma comunidade particular de interpretação.

#### **4.1 As práticas “relacionais”**

*“Os rituais inscrevem tanto 'a estrutura superficial' quanto a 'gramática profunda' da cultura da escola”.*

Peter McLaren

*Há muito papel nessa escola!* Assegura Helena, coordenadora de série do ensino médio. De fato, no cotidiano dessa escola há uma incrível circulação de material impresso. São mensagens, panfletos, propagandas de cursos e eventos etc. Eles se encontram nas mesas dos coordenadores, orientadores e, principalmente, na sala dos professores. Há impressos de propaganda de cursos, seminários, congressos; há avisos internos, recados de outros setores nos murais e nas mesas, além do livro de ponto dos professores. Para a organização, distribuição e entrega de todo esse material, há dois mensageiros que circulam por todo o colégio diariamente e ao longo de cada dia, sempre carregando de envelopes de todos os tipos e tamanhos, correspondências externas e internas, além dos famosos

“de-para”<sup>11</sup>, envelopes timbrados específicos da instituição, utilizados para as correspondências internas. Há também formulários impressos em tamanho meia folha de papel ofício com inscrições e espaços em branco que são preenchidos por uma ou várias mãos, intitulados “Comunicação Interna”. Todas essas mensagens são de uso acadêmico ou administrativo e retratam os escritos do cotidiano que compõem uma das faces da cultura gráfica dessa instituição, ou segundo designação de Armando Petrucci, citado por Chartier (2002), “*o conjunto dos objetos escritos e das práticas de que são provenientes*” (ibid, p:78).

É comum, em meio a uma conversa nos corredores entre funcionários ou educadores, ouvir-se, após algum acerto ou combinado, o pedido habitual: “me manda um ‘de-para’”. O acerto ou combinado estava, a partir daí, legitimado. Em cada gabinete e, principalmente na mesa ou estante das secretárias, vêem-se uma grande quantidade desses envelopes e formulários. Constituem os principais veículos de comunicação do colégio. Circulam por todo o ambiente escolar direcionando, muitas vezes, as tomadas de decisão por parte daqueles a quem compete a gestão dos diversos setores.

Outra demonstração do excesso e da importância do material impresso nesse colégio encontra-se logo na entrada do prédio principal, um grande e colorido quadro elaborado pelo setor de comunicação onde constam curtas entrevistas de professores ou funcionários, que ressaltam aspectos do próprio colégio ou da função que exercem, além das principais notícias do mês e fotografia dos aniversariantes. As informações mensais contidas nesse quadro se encontram também numa publicação mensal impressa distribuída a toda a comunidade educativa, incluindo os pais de alunos, intitulada **Informativo**, também de responsabilidade do setor de comunicação.

Chama a atenção a preponderância e a visibilidade da cultura impressa em uma instituição que apresenta um alto investimento em tecnologia, no que diz respeito tanto aos recursos materiais quanto humanos. Muitos daqueles que trabalham nesses setores, considerados de ponta no colégio, são especialistas, mestres e doutores nessa área do conhecimento, o que se traduz em orgulho para a

---

<sup>11</sup> Os famosos “de-para” são envelopes pardos em dois tamanhos que são utilizados na correspondência interna. Na parte externa desses envelopes, há duas colunas pautadas onde o remetente escreve os nomes de quem envia e de quem recebe, além da data de envio.

instituição, através do qual ela se faz reconhecida no meio educacional sendo esse um dos seus pontos de destaque.

Há o “site” do colégio, cuja página é alimentada periodicamente, investimento realizado pelas escolas como estratégia na construção de sua imagem de excelência, fator já apontado por Brandão (2008), e há computadores conectados à internet e à intranet que mantêm toda a comunidade conectada em rede. Os setores diretamente ligados à área tecnológica são a informática educativa, principal parceira de diversos projetos ligados à parte acadêmica do colégio, a informática administrativa que oferece o suporte técnico da parte administrativo-financeira da instituição e zela pelo bom funcionamento de todas as máquinas do colégio, e o núcleo de mídia e educação, responsável pela comunicação institucional e pelos projetos que envolvem essa linguagem; há computadores nos laboratórios, nas salas de estudo dos professores, na biblioteca, nas salas das secretárias e nos gabinetes das coordenações e orientações.

Mesmo com todo esse aparato, a cultura do impresso se mostra tão arraigada na vida escolar dessa instituição que causava surpresa aos educadores entrevistados quando eram perguntados sobre o motivo da existência de tanto papel para tantas e diversas finalidades, principalmente aquelas relacionadas à comunicação interna, diante de todo o investimento tecnológico comunicacional existente há tanto tempo no colégio. *“Sabe que eu nunca tinha reparado?”* surpreendeu-se Helena; *“Acho que a gente já se acostumou com isso, é a cultura daqui.”* afirmou Geraldo, um coordenador; *“Prefiro ter tudo no papel, depois eu perco, apago sem querer, e não tenho como provar que pedi alguma coisa”* respondeu Cíntia, da área de orientação. Essas são falas que demonstram a confiança depositada nas correspondências impressas e em quanto isso se constitui em uma cultura institucional reconhecida por todos. São poucos aqueles que utilizam unicamente os meios eletrônicos para a comunicação entre seus pares.

Percebe-se uma aparente contradição entre o uso e a importância do papel atribuídos às práticas observadas e a representação de uma escola midiaticizada. É nesse contexto, nessa teia de múltiplas relações e significados, nos termos de Geertz (1989), que a cultura dessa instituição se inscreve, consistindo em *“estruturas de significados socialmente estabelecidos”* (ibid, p:23). A

convivência entre o impresso e o digital é considerada, pelos que trabalham no colégio, normal, como se os múltiplos fios dessa teia formassem um desenho conhecido e equilibrado. *"Qual o problema? Não vejo razão para mudar. A gente já se acostumou a receber e enviar esses papéis pelo correio interno, a se relacionar assim. A gente já espera... No computador, são outras coisas, correspondências diferentes, registros..."*, argumenta Cíntia, orientadora. Percebe-se, nessa afirmação, um sentimento arraigado diante do que se apresenta como novo. Contudo, é necessário relativizar essas relações diante do que possa se apresentar como incoerência ou contradição nas representações e práticas existentes nesse universo. Volto a Geertz (1989) ao afirmar que a cultura *"é composta de estruturas psicológicas por meio das quais os indivíduos ou grupos de indivíduos guiam seu comportamento"* (ibi, p:21), e são essas estruturas que permitem que esses sujeitos hajam de uma forma, segundo eles, coerente e aceita pelos demais.

Essa convivência, impresso e digital, no universo escolar, aponta para o estabelecimento de novos modelos de comportamento, de novas condutas culturais que emergem, segundo Chartier (1991), desse emaranhado de práticas. São modelos de comportamento e condutas que, correspondendo à própria identidade da instituição, se imbricam entre a tradição e a inovação, sem que as negociações entre elas provoquem tensões ou desequilíbrios. Para Elisa, professora de Informática, é característica do colégio a associação do "tradicional" com o mais inovador. Para ela,

*"o colégio sabe adaptar essa tradição aos tempos modernos, (...) e imagina que há quatrocentos anos, no primeiro centro de ensino que Santo Inácio montou, ele já tinha a preocupação também com as mídias, com jornal, com livros, ele já tava antenado, ele devia saber..."*

Convivem, pois, o manuscrito em seus diversos formatos, mistos ou não, o impresso em suas várias formas e o digital revelado pela presença de grande aporte tecnológico e em seus diversos usos. A importância desses textos manuscritos ou mistos, nos termos de Chartier (2002), objetos híbridos – impressos com espaços em branco a serem escritos a mão – revela não somente o medo pela perda da comunicação no suporte eletrônico, mas o receio de sua

corrupção ou alteração pelo leitor que se tornaria, nesse caso, co-autor, interferindo no texto de várias formas, desmembrando, deslocando, recompondo etc., possibilidade passível de ocorrer no texto eletrônico. Sobre essas possíveis intervenções numa escritura que se torna coletiva, múltipla e polifônica, Chartier (2003) nos fala que

*“o leitor torna-se um dos autores de uma escritura a muitas mãos ou, ao menos, encontra-se na posição de constituir um texto novo a partir de fragmentos livremente recortados e reunidos. (...) O leitor da era eletrônica pode construir a seu modo conjuntos de textos originais, cuja existência, organização e aparência só dependem dele. Além do mais, pode a todo o momento intervir nos textos, modificá-los, reescrevê-los, torná-los seus”* (ibid, p: 42)

Comparativamente, Chartier (2002) nos remete à desconfiança similar por parte dos que, nos séculos XV e XVI, foram apresentados ao texto impresso, segundo os escritores da época, corruptor da ética e da estética do escrito, preferindo a publicação manuscrita que garantiria maior controle do texto, sua circulação e interpretação.

Diante das alegações dos entrevistados sobre os motivos do uso do texto escrito – impresso ou manuscrito - para a comunicação institucional da escola palco da pesquisa, recorro a Peirano (2003) ao compreender a importância da voz do ‘nativo’ (grifo da autora) no reconhecimento do que possa se constituir um ritual no bojo de uma pesquisa de cunho etnográfico. O que percebemos e vivemos no dia-a-dia e que transmite valores e conhecimentos nas relações sociais, representa, segundo ela *“um sistema cultural de comunicação simbólica”* (ibid, p:11).

Também McLaren (1991), ao desenvolver um estudo etnográfico sobre a vida escolar, afirma que *“há evidência esmagadora que confirma a existência nas escolas de um conjunto completo de atividades que possui uma filiação tipográfica e morfológica com o ritual”* (ibid, p:32) , sendo que a cultura é formada por rituais que se inter-relacionam. Problematizar essa cultura e os símbolos, verbais e não verbais, dos quais é formada foi minha intenção ao analisar os dados obtidos durante a investigação. Os rituais são, dessa forma, parte da vida cotidiana dessa escola, práticas encarnadas em gestos e ritmos, em atividades, ou em *“coisas ordinárias da vida”*, segundo McLaren (1991).

Nesse sentido, essa sociedade escolar compõe o contexto no qual os processos e as redes de sociabilidade<sup>12</sup> se constroem. Ela nos antecede e, de certa forma, nos guia e nos constitui. As pessoas que circulam todos os dias no universo dessa escola acostumaram-se a esses gestos, ao transitar desses mensageiros, às idas e vindas de tantos impressos, ao preenchimento de formulários e ofícios. É a cultura dessa escola! Acredito ser importante retomar aqui a contribuição de Candau (2000) ao referir-se à cultura da escola<sup>13</sup> e à sua capacidade de permanecer atrelada a muitos de seus rituais. Ela nos fala sobre essa cultura e sua relação com o cotidiano da escola.

*“Chama atenção quando se convive com o cotidiano de diferentes escolas, como são homogêneos os rituais, os símbolos, a organização do espaço e do tempo, as comemorações de datas cívicas, as festas, as expressões corporais etc. Mudam as culturas sociais de referência, mas a cultura da escola parece gozar de uma capacidade de se autoconstruir independentemente e sem interagir com estes universos. É possível detectar um ‘congelamento’ da cultura da escola que, na maioria dos casos, a torna ‘estranha’ aos seus habitantes” (ibid, p:68)*

São essas formas e suportes de transmissão do escrito que importam analisar. Os textos, que não se referem unicamente aos livros, mas a todas as manifestações do escrito, estão presentes no cotidiano dessa escola em diferentes formas, como cartazes pregados nas paredes ou murais na sala dos professores, no livro do ponto de presença posto sobre a mesa, nos recados ou folhetos dispostos também sobre a mesa ou presos nos murais. *“Sua abundância explica a importância e a frequência”*, como nos afirma Chartier (2002, p:83), revelando, dessa forma, o valor atribuído a esses escritos pela comunidade escolar que transita por seus espaços cotidianamente.

A presença do escrito é percebida também nos corredores do colégio, assim como nos espaços de recreio. Nos intervalos das aulas, é comum a presença de alunos sentados nas muretas dos andares ou mesmo no chão, sozinhos ou em grupos, lendo livros ou apostilas, escrevendo em seus cadernos ou estudando

<sup>12</sup> Sociabilidade, segundo Simmel (1983), é assim definida ao referir-se à relação estabelecida entre os indivíduos. *“As formas nas quais resulta esse processo ganham vida própria. São liberadas de todos os laços com os conteúdos; existem por si mesmas e pelo fascínio que difundem pela própria liberação destes laços. É isso precisamente o fenômeno a que chamamos sociabilidade” (ibid, p:169)*

<sup>13</sup> Retomo a distinção entre cultura da escola e cultura escolar, nos termos que lhes atribui Candau (2002), referindo-se essa última *“ao que é explícita e intencionalmente proposto pela escola como finalidade da aprendizagem” (p:67)*

algum tópico de uma matéria. Ao abordar um desses grupos e perguntar sobre o que liam ou escreviam, respondiam que estavam estudando a matéria de um teste ou de uma prova, ou simplesmente, revendo um exercício com colegas.

É interessante perceber que muitos lêem, escrevem, estudam, ao mesmo tempo em que ouvem música em seus *Ipods* ou aparelhos de *MP3*. Será essa uma característica própria da faixa etária ou da época em que vivemos de excessos e de “simultaneidade”, como a caracterizou a professora Renata ao criticar a compartimentação dos conhecimentos ainda existente na escola atualmente diante de um mundo globalizante e complexo? Segundo ela,

*“A escola ainda tem o conhecimento compartimentado e é aí quando eu falo da simultaneidade. No mundo em que eu estudei, em que eu comecei a trabalhar, não havia essa simultaneidade, era um mundo mais compartimentado; então os conhecimentos compartimentados davam conta do recado. Hoje, não”.*

Os usos de diversos suportes do que é lido, escrito, visto e ouvido, fazem parte da vida dos jovens e do próprio universo escolar, muitas vezes de forma simultânea. Gostam de ler enquanto ouvem música, escrevem e lêem no próprio suporte do texto, seja um caderno, uma apostila ou um livro, didático ou não, no que Chartier (2002) denominou a *marginalia*<sup>14</sup> do texto.

Mendes de Almeida e Eugenio (2006), em seus estudos sobre as culturas jovens na contemporaneidade, nos fala sobre essas manifestações.

*“Importa chamar a atenção, aqui, para o fato de que tanto a mídia atual quanto os especialistas vêm apontando a particular aptidão dos jovens de classe média dos grandes centros urbanos em fazer uso simultâneo de dispositivos eletrônicos, tais como telefone celular, computador, som e TV. O uso simultâneo desses recursos também se estende à realização de tarefas e obrigações que exigem concentração, como estudar” (ibid, p: 54).*

Em uma análise mais voltada para a questão do consumo nos dias atuais atrelada aos jovens quanto ao uso de vários objetos à disposição dos mesmos no

---

<sup>14</sup> Trata-se da escrita à mão nas margens do texto impresso. São anotações marginais “compreendidas como um dos gestos e um dos momentos da técnica intelectual que governa as práticas de leitura e escrita nos séculos XVI e XVII, isto é, a técnica dos lugares comuns” (ibid, p:94).

mercado, a estudiosa argentina, Beatriz Sarlo (2006), corrobora essa visão simultânea e veloz, distinguindo os consumidores efetivos, aqueles com poder real de consumo, dos imaginários, os que não podem pagar pelas mercadorias presentes no mundo capitalista atual. Pertencentes ao primeiro grupo, os jovens presentes nessa pesquisa

*“encontram no mercado de mercadorias e bens simbólicos um depósito de objetos e discursos fast preparados especialmente. A velocidade de circulação e, portanto, a obsolescência acelerada se combinam numa alegoria de juventude: no mercado, as mercadorias devem ser novas, devem ter o estilo da moda, devem captar as mudanças mais insignificantes do ar dos tempos. A renovação incessante necessária ao mercado capitalista captura o mito da novidade permanente que também impulsiona a juventude. Nunca as necessidades do mercado estiveram afinadas tão precisamente ao imaginário de seus consumidores”* (ibid, p:40).

A observação realizada nos momentos de recreio ratifica essas afirmações. Esses jovens portam aparelhos modernos, tais como celulares de diversos tamanhos, formatos e funções; *Ipods*, *Mp3* dentre outros, que usam com naturalidade e de forma simultânea.

Ao lado dessa constatação, percebe-se na fala de muitos entrevistados jovens a grande importância que dão à convivência, à “sociabilidade”, às relações que se estabelecem no espaço escolar. Estar com o grupo, com os amigos e com os professores foi apontado por todos os entrevistados como uma das principais razões de virem ao colégio.

No que tange às práticas de leitura e escrita nos diversos espaços da instituição, considero importante inventariar as técnicas corporais, nos termos de Mauss (1936), adotadas pelos jovens, e reitero a importância dos gestos delas decorrentes. São gestos diferentes dependendo do que lêem e para que lêem. Na leitura de um livro, alguns estão sentados nas muretas recostados em uma pilastra, ou no chão, também recostados numa parede. A coluna está ereta, as mãos sobre o livro, os olhos voltados para o que lêem, absortos do que se passa ao redor, independente do barulho que possa existir à sua volta. Estudam ou lêem algo que os absorve. Trata-se de uma atitude corporal, de uma maneira de sentar e de portar-se fundamental na apreensão do que é lido e denota seriedade e respeito

pelo que lêem. Não se trata de atitude de repouso, mas de atividade intelectual intensa respeitada pelos demais colegas à sua volta.

Chartier (1991) afirma que a leitura atua nos diversos níveis de privatização, como assinala Philippe Ariès em sua obra **História da vida privada**, vol. 3. São as diferentes formas de ler e de se relacionar com o livro que definem suas práticas. Na observação realizada, vemos a leitura individual, solitária, que alimenta o estudo pessoal, nos termos de Chartier (ibid), e a leitura coletiva, compartilhada, discutida, como nos exemplos que se seguem.

Há outro grupo que discute tópicos escritos em uma espécie de brochura, similar a uma apostila em cópia xérox. Cada um tem seu exemplar. Consultam páginas, comparam respostas e interpretações de alguns trechos, pois, segundo me confidenciaram, trata-se de assunto que vale nota. Mesmo diante da possibilidade de serem avaliados a partir desse instrumento, riem, trocam as apostilas, um lendo as respostas do outro, escrevem no verso das folhas. O clima é descontraído e alegre. Alguns se afastam do grupo, reunindo-se a outro, formando uma dupla para que a discussão seja mais proveitosa. Embora esses estejam mais sérios e atentos ao conteúdo da apostila, as atitudes e os gestos em relação ao escrito em nada se comparam à atenção respeitosa dos que têm o livro diante de si.

No recreio, a descontração faz jus ao momento. Conversam alto, riem e lancham. Há um grupo em pé com páginas de um jornal diário em mãos. Observo como se comportam diante desse texto e dessa leitura. O que está com o jornal lê silenciosa e rapidamente um trecho, comenta o assunto com mais outros dois, riem, trocam outras informações relativas à notícia expressa. O jornal, então, é passado de mão em mão, cada um lendo e citando outros trechos que chamam a atenção. Ao final do recreio, as páginas do jornal vão parar na grande lixeira em frente à cantina. Ao toque da sirene, dirigem-se às salas de aula despreocupados, alegres e falantes.

Ao tentar descrever densamente as atitudes desses jovens frente aos textos escritos de que dispõem, percebo o corpo como uma experiência passível de análise de cunho etnográfico, já que, mesmo sendo a história do gesto um dos domínios da História Cultural da Leitura, segundo seu principal teórico, Roger Chartier, ela é também tema de estudo dos antropólogos.

Dos três tipos de leitura presentes cotidianamente no universo escolar descritos acima, podemos relacionar os gestos à importância dada aos escritos pelos jovens dependendo do suporte dos mesmos. Chartier (2002) nos adverte que “os

*textos não existem fora dos suportes materiais (sejam eles quais forem) de que são veículos” E que “as formas que permitem sua leitura, sua audição ou sua visão participam profundamente da construção de seus significados” (ibid, p:61,62).*

Esses suportes foram percebidos como diretamente relacionados à importância que lhes atribuem esses sujeitos. Os leitores do livro impresso demonstram, por suas atitudes, respeito e confiança no que lêem, tomando o mesmo como veículo de acesso ao conhecimento. O mesmo não ocorreu com as folhas impressas da apostila e muito menos com o jornal. Os escritos escolares assim distribuídos no que Chartier (2002) denominou a “ordem dos discursos” – livros, cartas, documentos, diários etc - na cultura impressa, revelam as modalidades de apropriação<sup>15</sup> dos textos de que resultam competências muito diferentes, segundo esse teórico.

Os variados modos de ler e de dar sentido às práticas existentes nos diversos escritos escolares também puderam ser observados em outros ambientes e em outras práticas, as quais atribuí o termo “didáticas”, as das salas de aula, dos laboratórios e da biblioteca.

## **4.2. As práticas “didáticas”**

*“Quando se estabelece no mundo das escolas, das universidades, a leitura se torna uma prática intelectual. É talvez a fundação de nosso mundo, neste sentido; e a partir deste ponto a função atribuída ao texto escrito não é somente uma função de conservação ou de repositório, é o próprio objeto do trabalho intelectual”.*

Roger Chartier

### **4.2.1 As aulas**

Chego ao terceiro andar do prédio principal às 06h50minh e a professora Renata está à porta recebendo os alunos. Conversamos sobre a aula de hoje: uma revisão da matéria em que ela incluiu algumas questões que caíram no último exame vestibular. Ela me entrega o material da aula, dois conjuntos de folhas

---

<sup>15</sup> Apropriação constitui um dos conceitos chave em Chartier e é compreendido como os diversos modos de ler e os sentidos que os leitores atribuem aos diferentes textos em seus diferentes suportes materiais.

mimeografadas com textos diversos seguidos de perguntas cada um. Ela me explica que se trata de uma turma mista quanto às opções de carreira dos alunos, abrangendo as três áreas, humanas, exatas e biomédicas.

O primeiro texto trabalhado é um capítulo da obra “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, de Machado de Assis. A leitura do texto é feita pela professora cuidadosamente, chamando a atenção dos alunos para partes julgadas por ela mais importantes.

Após a leitura, Renata pergunta se há dúvidas quanto ao vocabulário do texto lido e chama a atenção para as construções gramaticais que não estão mais em uso nos dias atuais. Em seguida, há, na folha, questões da UERJ que são lidas também pela professora e respondidas pelos alunos com a ajuda de Renata que pontua aspectos relevantes para as respostas.

O segundo texto, também lido pela professora, é um poema de Chico Buarque de Holanda “Tempo e Artista”. Renata conduz com firmeza a leitura, a explicação e as respostas às questões posteriores ao texto. Ela pergunta, ouve a resposta, corrige, explica e, às vezes, vai ao quadro branco e faz alguma anotação com pilot da cor vermelha. Os alunos estão calmos, alguns poucos conversam baixinho entre si sobre algum item da correção. A maioria acompanha atentamente.

A aula acontece em uma espécie de anfiteatro com duas grandes portas de madeira trabalhada, sete fileiras de cadeiras estofadas e mesas presas ao chão dispostas nas duas partes da sala, sendo que cada fileira comporta seis lugares. A sala é ampla, pintada de bege, com três grandes janelas cobertas por cortinas azuis. O mobiliário está disposto na parte anterior da sala e comporta a mesa da professora, três armários estreitos e altos, sendo dois da cor bege e um da cor cinza, outro menor também bege, um aparelho de TV, uma pequena mesa posta a um canto com um computador virado para o lado. Preso à parede acima do computador há a imagem de uma santa sobre um andor de madeira. Atrás da mesa da professora há um quadro branco, acima dele um rolo de tela para filmes, vídeos etc., e preso ao teto de lâmpadas embutidas, há um aparelho *data show*. O ambiente é claro, limpo e refrigerado por ar condicionado central distribuído por placas presas ao teto.

Às 07h50minh toca o sinal. Renata conclui a correção das últimas questões referentes aos textos, se despede dos alunos que juntam o material e deixam a sala.

Dirijo-me à outra sala de aula diferente da anterior. A sala retangular é pequena para o número de alunos que são em torno de quarenta. Há duas portas, mas só uma é utilizada já que há carteiras encostadas em uma delas. As paredes também são pintadas de bege. Há uma espécie de plataforma da mesma cor do piso – cinza escuro - que ocupa toda a extensão do lado menor da sala, junto à lousa verde de giz, onde ficam a mesa e a cadeira da professora.

As carteiras estão dispostas em fileiras duplas. As mesas são cobertas de fórmica cinza claro e as cadeiras são de cor amarelo claro. Acima da lousa há um crucifixo, ao fundo há dois quadros retangulares de flanela verde com fotos e desenhos. Entre as duas janelas compridas cobertas de cortinas claras, há outro quadro com flanela cinza onde se encontra pregado um poster da Campanha da Fraternidade do ano. Acima desse quadro cinza há dois mapas. A porta é mantida fechada devido ao ar condicionado. Para que a claridade do dia possa entrar na sala, há três aberturas envidraçadas na parede que dá para o corredor que margeia todo o andar.

Também nessa sala, Rosa<sup>16</sup>, professora de Literatura, trabalha com um conjunto de folhas impressas a título de exercícios. Ela chama a atenção dos alunos para os erros de digitação existentes nas folhas e faz as devidas correções antes de os mesmos iniciarem os exercícios. Nessa aula, os alunos lêem em silêncio, respondem às questões referentes ao texto sozinhos, pois a correção será feita em seguida. Eles lêem, cochicham com os vizinhos, escrevem nas folhas. Rosa pede silêncio e concentração no exercício, e me avisa que é muito difícil fazer com que eles se interessem pela matéria, embora sejam '*bons meninos*'.

A aula a que assisto agora é de Matemática, 2<sup>o</sup>. ano do Ensino Médio, professor Carlos. A disposição da sala é idêntica à da Professora Rosa. Carlos está de pé, de costas para o quadro verde, voltado para a turma e fala alto, pedindo silêncio e atenção para a correção do exercício. Explica que ali há questões importantes que cairão na prova e que sempre são pedidas em vestibulares. Trata-se de uma apostila dividida em tópicos contendo exercícios vários, incluindo questões de vestibular de algumas universidades da cidade, aquelas de maior interesse dos alunos e também da instituição, já que todo ano essas universidades

---

<sup>16</sup> Essa professora, embora não tenha sido entrevistada, procurou-me e colocou-se à disposição para que eu assistisse a sua aula.

publicam os resultados desses exames e chegam a elaborar *ranking* dos colégios mais bem sucedidos. Carlos lembra os alunos da necessidade de se prepararem bem desde agora, não deixando "*prá estudar prá valer só lá no terceiro ano*".

O material já se encontrava nas mãos dos alunos quando cheguei à sala. Eles corrigiam, sublinhavam termos e expressões, faziam anotações. Depois da aula, perguntei a dois alunos sobre a importância do uso dessa apostila. Eles disseram gostar muito de trabalhar com esse material, pois a matéria está organizada de uma forma que ajuda na hora de estudar. Eles usam também o livro, mas "*ali tem matéria, exercício e as anotações com a explicação do professor. Quando a gente falta, complica e aí é correr atrás de alguém pra copiar*", afirmou Gabriel, aluno dessa turma. Saliento que esse aluno não participou das entrevistas.

Assisti a dois momentos de aulas em laboratórios. Uma no laboratório de Biologia, e outra no de Inglês. No primeiro, o professor Marcos<sup>17</sup> inicia a aula para uma turma do 3º ano indicando alguns sites de pesquisa nos computadores existentes na sala. Eles estão dispostos nas laterais e, ao centro, há mesas de granito com todo o material específico da disciplina. Ele me diz que houve uma grande reforma há poucos anos e que o colégio investiu em material e recursos modernos à disposição dos professores da disciplina. O mesmo ocorreu nos laboratórios de Física e Química. Os alunos em duplas pesquisam, discutem e, após conclusão a que chegam junto ao professor, imprimem os textos oriundos dos sites pesquisados. Após esse momento, são distribuídas folhas contendo exercícios a serem feitos em casa para discussão na próxima aula.

A professora Iara, de Química, relatou-me em entrevista, que das quatro aulas de que dispõe, uma é realizada no Laboratório de Informática. Segundo ela, a aula é toda planejada com antecedência junto ao departamento de Informática Educativa e realizada diretamente diante dos computadores. "*É tudo na tela*", ela diz. Mas há uma ficha contendo tópicos do assunto distribuída aos alunos no início da aula. Essa ficha também contém as instruções do trabalho e há um espaço para registros dos alunos. "*Há uma parte digitada e os*

---

<sup>17</sup> Este professor não foi entrevistado. Contudo ele foi o responsável por me mostrar os diversos laboratórios do colégio, explicando-me seu funcionamento, como preparam o material para as aulas, além do investimento feito pelo colégio em equipamentos e recursos.

*alunos vão registrando a conclusão da experiência desenvolvida no computador que já tem um programa específico da disciplina".* Constatado que tanto no laboratório de Informática quanto nos demais, coexistem os dois suportes escritos em suas diversas formas, sejam a tela e as fichas ou apostilas que acompanham e organizam os tópicos das matérias trabalhadas.

Na aula de Inglês da professora Edna, que acontece no laboratório de Informática, o recurso tecnológico é, conseqüentemente, usado com bastante freqüência, segundo ela me afirma.

*"Uso. Tenho duas aulas semanais e em uma delas eu vou para o computador. Tenho um projeto de leitura no 3º ano, porque o 3º ano realmente precisa transitar na internet, as provas são feitas de textos jornalísticos ou de universidades daquele ano, e os meninos lêem e eu quero fazer um projeto o menos amarrado possível. Eu dou assim uns 20 sites, mas eu amarro um pouco senão eles ficam só querendo ler esporte e tal. Eles têm os sites sérios que eles podem acessar, todos os jornais ingleses, bons americanos, universidades, sites de ciências e tal. O desejo é de leitura dos textos, chamar a atenção para os detalhes, mas o objetivo é mesmo a leitura. E eles se fascinam, porque eles lêem muito na internet, mas ficam muito no msn, essas coisas do blog, eles nunca entraram em Harvard por exemplo".*

Embora todos esses momentos possam ter sido observados, tais como a busca e o interesse dos alunos pelos *sites* encontrados e o entusiasmo da professora, os principais textos foram impressos e a leitura mais atenciosa e detalhada foi feita a partir daí. Edna também trabalhou com folhas de exercícios com outros textos, uma espécie de revisão de vocabulário e gramática. Ela me diz que trabalha com várias apostilas no 2º ano.

O que me chamou a atenção nessas e em outras aulas a que assisti é o uso habitual de folhas impressas ou apostilas, trechos selecionados de livros e *sites* pelos professores seguidos de exercícios, questões de livros ou de exames vestibulares anteriores, ou perguntas elaboradas pelos próprios professores. São montagens, coletâneas impressas, objetos mistos, impressos e poli-copiados com espaços para as respostas dos alunos, ou simplesmente com textos para serem lidos, analisados e anotados. Essas anotações fazem parte da própria atuação didática da sala de aula. Similar ao encontrado nos estudos de Chartier (2002),

essa tipologia das *marginalia* manuscritas, também encontradas nas obras impressas do século XVI, pode ser observada nas práticas atuais, anotações de professores e alunos “*tanto durante as próprias lições como durante o estudo*” (ibid, 95). E na relação entre o impresso e o manuscrito, presente nessas *marginalia*, percebe-se uma apropriação do escrito pelo leitor que recria, dessa forma, outro escrito, outro texto, a partir de suas anotações.

Outro aspecto significativo que emerge dos dados observados e que merece ser analisado diz respeito à interferência do professor nas obras que utiliza para a montagem desses materiais. São recortes e junções que, de certa forma, corrompem e alteram as obras de referência e indicam uma intencionalidade. Nesse caso, intuo que esses professores atuam como co-autores das obras de que se apropriam e que há, nesse caso, uma transgressão da identidade de cada obra para fins didáticos. Percebo aqui sentidos diferentes atribuídos a esses textos pelos professores, e posteriormente pelos próprios alunos, além dos construídos anteriormente pelos autores e, em seguida, pelos editores e redatores. Nessa perspectiva, concordo com Chartier (1999), ao afirmar que há uma diversidade de “*significações de um ‘mesmo’ (grifo do autor) texto quando mudam suas modalidades de difusão*” (Chartier, 1999, p:73).

Refiro-me, aqui, aos “protocolos de leitura”, nos termos de Chartier(2001), ao perceber a importância do suporte material desses escritos para a determinação das práticas de leitura e conseqüente apropriação desses textos. São as formas particulares desses impressos que determinarão as práticas delas decorrentes, nas quais se procura inscrever nos textos uma imagem de leitor ideal que conseguiria decodificar o sentido preciso pretendido pelo autor ou pelo editor a partir da materialidade do suporte que, “*passa a ser inalienável do espírito das representações a que seus usos deram margem*” (Pécora, 2001, p:11).

Os “protocolos de leitura”, segundo Chartier (2001), dizem respeito à produção de textos pelos autores, editores, redatores, livreiros e outros que interferem de uma forma ou de outra nesses escritos, e à intencionalidade advinda dessa produção, de apropriação por parte dos leitores. Tornam-se assim relevantes “*as senhas, explícitas ou implícitas*” (ibid, p:96) que os autores e, posteriormente os editores e redatores, imprimem no texto objetivando uma intenção de relação do leitor com o texto, “*uma relação correta com o texto*” (ibid, id) em que se procura impor um determinado sentido. São convenções, sinalizações, formas

tipográficas, ilustrações e dispositivos na escrita que pretendem impor um “protocolo de leitura”, nos termos de Chartier (ibid). Esse estudioso das práticas de leitura e escrita reconhece a importância das inscrições feitas no impresso e sua interferência na estética da recepção. Trata-se de buscar um leitor ideal que decodificaria o sentido ideal pretendido pelo autor e por todos os demais que interferiram na obra impressa.

Na perspectiva escolar, esses sentidos foram alterados pelos procedimentos de recortes e colagens feitos pelos professores. São outras alterações além das realizadas pelas primeiras produções. Procuo aqui problematizar essa categoria advinda da teoria de Chartier presente na dinâmica escolar, qual seja a de leitor ideal, que se traduz na tentativa de interferência por parte dos professores no sentido dos textos de que se apropriam seus alunos. Pergunto-me que ‘leitor ideal’ esses docentes pretendem alcançar? Que limitações impõem aos diversos sentidos possíveis de um texto, de uma obra? Percebo então uma intencionalidade didática ao tentarem conduzir as apropriações de leitura dos estudantes, ao procurarem especificar o que deve constar como matéria de aprendizagem em que o mesmo sentido deve ser percebido por todos os alunos. Acredito que essas práticas, que se encontram em diversos outros espaços educacionais, se dão em decorrência de um planejamento elaborado anteriormente e do tempo disponibilizado para seu cumprimento.

Na mutilação das obras utilizadas para as montagens desses objetos didáticos, há uma característica atribuída também ao texto eletrônico, qual seja, a não percepção da totalidade da obra, sua imaterialidade. No entanto, na produção desses escritos oriundos de trechos de obras diversas em que são inseridos outros textos, essas obras perdem seu sentido material como um todo, um livro, como obra.

Também Fisher (2006) nos fala dessa possibilidade de alteração do texto original ao se referir ao renascentista Petrarca que “*libertou, de modo simbólico, a leitura de seu pedestal medieval monolítico, demonstrando que a literatura escrita podia ser cortada, fatiada e servida em diversas formas por qualquer mente criativa*” (ibid, p:172). Revela-se, dessa forma, a autoridade dada ao leitor ou a quem da obra tivesse acesso, para transformá-la conforme lhe conviesse. No caso da pesquisa em questão, os fins didáticos constituiriam, dessa forma, a motivação para legitimar essa atitude diante dos livros e dos textos.

Os alunos, certamente, têm acesso a livros indicados pelos professores, didáticos e não didáticos, em sua trajetória escolar. Contudo, o que quis pontuar foi o hábito constante utilizado por muitos professores de organizar suas aulas a partir de textos originados de diversas obras formando um suporte material outro que interfere na forma de apropriação desses escritos por seus alunos. Chartier (1999) explica essa interferência ao afirmar que “*esta encarnação do texto numa materialidade específica carrega as diferentes interpretações, compreensões e usos de seus diferentes públicos*” (ibid, p:18).

E os alunos, como se apropriam desses textos? Percebem as obras tidas como originais nesses fragmentos? Para eles, aqueles instrumentos didáticos compõem um todo cujo sentido maior é o do tema da aula elaborada pelo professor. Sua forma de apropriação se dá também de forma fragmentada, como nas aulas descritas, vários textos e suas questões. Não é o fragmento da obra que importa, mas o que ela permite na elucidação de questões relativas ao assunto proposto. Nesse sentido, “*cada leitor, cada espectador, cada ouvinte produz uma apropriação inventiva da obra ou do texto que recebe*” (Chartier, 1999, p:19). Acredito que os textos de que se apropriam os alunos nesses novos suportes carregam sentidos diferentes daqueles que lhes pretenderam dar seus autores, editores ou redatores. São outros suportes materiais, embora também impressos, que indicam intenções didáticas a que são dados outros significados por seus leitores.

Sobre suas aulas, alguns entrevistados teceram comentários importantes que merecem ser analisados. Falam da forma como ensinam e dos recursos que utilizam. Segundo Lúcia, professora de Geografia, “*a sala de aula é onde tudo acontece, é a alma da escola*”. Ela afirma ter suas aulas em vídeos, gosta de indicar *sites*, de pesquisar na internet, mas diz que ainda usa muito o estilo “tradicional”, categoria que emergiu de várias entrevistas. Esse estilo se configura basicamente pelo uso do quadro de giz ou pilot e exposição oral do professor. Lúcia justifica esse uso devido à falta de tempo do professor em preparar o material necessário para o uso de tecnologias mais atuais em suas aulas e à falta de formação de muitos professores. Segundo ela “*na dinâmica da sala de aula, nem sempre isso é possível*”.

Também Silvio explica a forma de lecionar no laboratório de biologia.

*“Olha, eu monto minha aula na sala de preparo e no laboratório. Eu não sei se o que uso às vezes pode ser considerado recurso tecnológico, pois já é ultrapassado. Eu ainda uso o retro-projetor. Eu tô tentando criar outras coisas, um material no datashow antes de começar a usar. Eu quero ver como monta, prá depois ver se vai ficar legal. Mas eu reparo que, apesar de usar o quadro com muita frequência, e eu gosto de usar ele, acho importante... eu não vou abdicar do quadro, porque eu acho que é importante o aluno ter a prática da cópia, por um recurso de fixação, mesmo, eu acho que eu vou ganhar mais tempo de aprofundamento, né? Mas mesmo usando as imagens, quer dizer, aí talvez eu sobre carregue mais a escola, do ponto de vista de gasto de papel, porque vou imprimir e os alunos não vão querer copiar, porque eles têm a mania do impresso, então eu acredito que tenha essa sobrecarga, mas acho que assim vou ganhar em tempo, de aprofundamento e de discussão. Mas ainda não tô como eu queria, ainda vou chegar nesse ponto aí...”*

O professor Marcelo, de História, é mais enfático ao referir-se à essa aula mais “tradicional”. Ele afirma que utiliza simplesmente

*“o quadro de giz, aula expositiva e mapas, só isso, entendeu? Eu nunca utilizei recursos de informática! Eu poderia lançar mão de inúmeros recursos, mas não faço isso. Não é por ignorar essas coisas, mas porque acho que ainda tenho alguma coisa pra fazer na sala; aliás, me falta muito tempo quando estou em sala e que eu gostaria de fazer. Prefiro a minha aula tradicional. Se removerem toda essa tecnologia, a minha sala de aula não vai mudar, eu não vou ser prejudicado em nada”.*

Outro professor de História entrevistado, Elias, diz utilizar os recursos tecnológicos para ele mesmo, principalmente para pesquisar, mas não utiliza muito em suas aulas porque para ele “a gente não tem a possibilidade de usar muito esses recursos, é mais no tradicional”. A justificativa é relativa principalmente ao tempo disponível para cumprir o programa, contudo, Elias chama a atenção para a importância do uso desses suportes e adverte que

*“uma aula que tenha esse suporte, ela tem que ser muito mais profunda do que uma aula de quadro e giz. Por quê? Porque esses recursos são usados como facilitadores da aprendizagem. Já usei filmes, vídeos, algumas vezes. Mas uso mais o tradicional mesmo”.*

Revelam-se, nessas falas, dados importantes a respeito da cultura dessa escola relacionada ao ritual presente na forma de se ministrarem as aulas. O termo “tradicional”, presente em vários estudos sobre a escola, surge nesse trabalho aliado à importância atribuída a uma tecnologia há muito utilizada nas escolas, o quadro de giz ou pilot, mapas etc., e à exposição oral do professor. O ritual dessa aula “tradicional” – e não tenho a pretensão de atribuir nenhum juízo de valor a esta maneira de ensinar – mostra-se tão profundamente imiscuído nas particularidades sociais e culturais da vida escolar, segundo McLaren (1991), fazendo parte de seu equipamento cultural, que importa perceber até que ponto a instrução na sala de aula compartilha traços comuns com os modos de expressão simbólica identificados pelos estudiosos do ritual. Que esses traços se mostram arraigados e compartilhados por seus atores, não restam dúvidas.

A segurança nessa forma de ensinar, demonstrada por esses professores, se apresenta como algo confiável, segundo esses atores, diante do que se apresenta como recurso tecnológico. Contudo, Silva (2008) nos fala do uso do computador por docentes e, através dele, a internet, como algo que parece estar associado ao fato de esse potencial ter “*pego os professores no contrapé, levando-os, num trocadilho, permanecer na contra-mão da própria inovação/renovação do ensino*” (ibid, p:15). O citado autor refere-se a um fenômeno que nomeia de “tecnofobia” e falta de formação por parte dos professores. Porém, esse fenômeno só surgiu nas entrevistas relacionado às práticas didáticas em sala de aula, pois todos os entrevistados afirmaram possuir computadores, fazer pesquisas na internet, se comunicar etc. Alguns chegaram ao ponto de afirmar não comprar mais jornais, lendo unicamente a versão *on-line*, e possuírem vários computadores ligados em rede. Falas de diversos professores, tais como “*eu mando minha provas por e-mail*”, “*eu sou fanática por tecnologia, adoro as novidades, sou apaixonada por comunidades virtuais*”, “*eu adoro fazer uma coisa que as pessoas odeiam que é formatar textos*”, “*a internet me possibilitou várias coisas de conhecimento, de busca, de interesses, de descobrir o mundo*”, me levam a relativizar esse discurso generalizante imposto aos mesmos. O uso mais ou menos freqüente dos recursos oferecidos pelas tecnologias atuais nas aulas desse segmento da escola é que se coloca como questão para os próprios professores. Edna, professora de

Inglês, questiona a atuação didático-pedagógica ao referir-se às aulas ministradas na escola.

*“Outra coisa que me deixa muito impressionada é que você está lidando numa escola que realmente está à frente, mas você olha e vê a sala de aula e vê a coisa ainda tão antiga, e isso porque você fala de modernidade, nos textos, na fala das pessoas; mas tem que dar prova, tem que corrigir, tem que isso, tem que aquilo, só pode ser se valer ponto, então, pra mim, é uma coisa tão dicotômica, sabe, incoerente. De qualquer forma, a gente tinha que ter uma proposta completamente inovadora”.*

Renata, professora de Português, aprofunda essa discussão, ao indagar:

*“Há muita panacéia, mas qual o valor real disso? Quando as escolas começaram a comprar computadores, colocaram computadores em todos os lugares e isso não alterou em nada, porque se você não tem uma visão de como usar isso, de como as pessoas podem trocar, conhecer e aprender com isso, não adianta de nada”.*

Os alunos reiteram essa preferência pelas aulas presenciais e valorizam a relação estabelecida com seus professores. Ao serem questionados sobre o tipo de aula que preferem e na qual mais aprendem, surge mais uma vez a chamada aula “tradicional”. Francisco, 17 anos, aluno do 3º ano, comentou que

*“aula boa depende do professor. Ele explica, repete se a gente não entende. É melhor, é melhor. Eu prefiro assim do que com muita coisa diferente. Importante é a gente entender, né?”.*

Também Daniel, 18 anos, outro aluno do 3º ano, afirma que a

*“aula que venho com vontade depende do professor. Ele tem de se aproximar do aluno, ele dá a matéria dele, mas não tá só voltado para o quadro, mas dá atenção aos alunos, tendo autoridade e amizade, com uma boa relação com os alunos, porque aula chata ninguém agüenta...”*

Fernando, 17 anos, aluno do 2º ano, explicita essa relação.

*“Os professores usam mais a exposição oral, depende da matéria. Alguns usam outros recursos. As duas formas são importantes, mas é mais a tradicional, a exposição, e eu acho legal. Os alunos acham a gravação, o filme, o vídeo e outras coisas uma coisa banal. Acham que é brincadeira, só falta a pipoca! Não é aula.*

*Estamos condicionados a isso. Aula é aula no quadro, giz, pilot e professor falando. O povo ainda tem que ser adestrado para a tecnologia. Eu aprendo das duas formas, elas são complementares, mas depende da aula e do professor. O dinamismo da aula expositiva cai quando o professor escreve muito no quadro, mas a tecnologia pode dar sono também, isso quando o aparato não funciona bem, se perde um tempo enorme, fica chato, fica chato”.*

Lêem-se nessas falas formas de atuar, sociabilidades voltadas para a relação professor-estudantes em que se prioriza o presencial, o relacional, independente do uso mais ou menos freqüente das novas tecnologias nessa instituição. Questiona-se, contudo, não os usos e as práticas escolares em si, mas o próprio sistema escolar, sua organização e sua forma. Ouso retomar aqui provocações feitas pelo teórico Rui Canário (2006), com quem procurei dialogar no início desse trabalho, ao analisar o atual momento da educação, não só a brasileira, e as escolas, sejam pertencentes à rede particular ou pública, e o atual momento em que se encontram, momento de transição. Não percebo esse momento relacionado unicamente à presença das novas tecnologias nos ambientes escolares, mas a uma necessidade de, segundo esse autor, superar a forma escolar, reinventar a organização escolar e construir uma nova legitimidade para a educação escolar, em seus termos.

#### **4.2.2 A biblioteca**

“Na encruzilhada da história do livro e das bibliotecas, desenvolveu-se, de alguns anos para cá, uma nova abordagem das práticas culturais, atenta tanto à sociologia dos meios intelectuais, às técnicas da escrita, ao conjunto dos gestos, lugares e modelos do trabalho do pensamento, como às dinâmicas da tradição e à memória do saber”.

Christian Jacob

O salão da biblioteca é retangular com pé direito muito alto. Há 40 mesas quadradas e retangulares onde cabem quatro ou seis alunos em cada uma dispostas na área central da biblioteca, tendo na lateral à esquerda de quem entra grandes janelas próximas ao teto. Do outro lado, encontram-se várias fileiras de estantes de ferro comportando uma quantidade inumerável de livros de todos os tamanhos

e formas. Acima do espaço onde se encontram as estantes, há um mezanino com outras estantes e uma sala de estudo para grupos ladeada com outras estantes. Logo na entrada há uma bancada para atendimento de quem chega e, atrás dela vêm-se computadores para uso específico das pessoas que ali trabalham e máquinas de xérox. Margeando toda a lateral, abaixo das grandes janelas, há uma fileira de computadores para uso dos alunos. Ao fundo, há outra pequena sala para estudos em grupo e, ao lado desta, embaixo da escada em caracol que vai dar no mezanino, uma saleta dividida por vidro onde trabalham a bibliotecária e outra funcionária. Sente-se a imponência desse lugar, pelo tamanho e disposição, e pela presença do acervo de longa data reservando a memória de tantos que por ali passaram, além de procurar acompanhar as demandas e solicitações dos professores quanto ao atendimento às necessidades atuais.

Há cerca de trinta alunos no dia observado, sendo que oito se encontram diante dos computadores e os demais reunidos, conversando baixo sobre assunto de uma determinada disciplina; outros estão sozinhos, afastados do restante do grupo, debruçados sobre livros e cadernos abertos para possíveis anotações. Movimentam-se livremente, formando grupos de cinco e quatro alunos, algumas duplas e os solitários. Segundo a responsável pela biblioteca, este número varia, dependendo da aproximação do período de provas ou trabalhos em que os alunos consultam os livros e revistas disponíveis ou sentam-se diante dos computadores. A maioria consulta os próprios cadernos e apostilas ou folhas xerocadas de livros. Os que chegam juntam-se aos demais ou se sentam diante dos computadores disponíveis. Aqueles que estão em frente às telas dos computadores mantêm-se silenciosos e concentrados. Alguns se agitam e fazem barulho, discutindo um tópico de alguma matéria em um tom por vezes muito alto para o ambiente sendo repreendidos pelo funcionário responsável que pede silêncio. Porém, os outros parecem não se incomodar com o barulho, mesmo os mais concentrados. Ao toque da sirene avisando que o recreio acabou, todos reúnem seus pertences, devolvem os livros que alguns haviam pego e saem conversando animadamente.

Nesse ambiente, embora haja conversas e cochichos em pequenos grupos, a prática predominante é a da leitura silenciosa. É mister salientar que essa biblioteca é freqüentada por alunos a partir do 6º. ano e, principalmente, pelos do ensino médio, que já adquiriram por formação o hábito e a destreza necessária a essa prática cultural.

Convivem nesse ambiente os dois suportes, o impresso e o digital representado por vinte computadores que ocupam toda a extensão de uma das paredes do lado maior desse ambiente retangular.

Talvez inspirada em modelos antigos de biblioteca, essa preserva a área de lugar sagrado, lugar do conhecimento respeitado por todos, alunos e professores, que por ali transitam. É a biblioteca central, já que há outras menores e específicas de alguns setores. Recorro a Chartier (1994) ao explicitar o sagrado que reside nesse ambiente.

*“A lição é clara: o espaço de leitura, em forma de basílica, recupera a sacralidade perdida pelos edifícios eclesiásticos; o estudo é como uma viagem através dos livros, ritmado por passos e pela interrupção desse caminhar, pelas leituras solitárias e pela conversação erudita”* (ibid, p:68).

Chartier (2001) aprofunda a discussão relativa à biblioteca em suas duas possibilidades de existência, a dos livros impressos e a do mundo virtual. Inicialmente, ele fala da distância cronológica existente entre o momento da escrita e o momento da leitura, além das mediações realizadas pelos diversos agentes, existente no mundo impresso, em oposição à simultaneidade de escrita e leitura, de produção e apropriação sem mediações, no mundo virtual. Outro ponto importante identificado por Chartier diz respeito à possibilidade de o momento da escrita ser também o próprio momento da leitura, de forma simultânea, sem intermediários. Em seguida, esse teórico nos apresenta o sonho da biblioteca universal em que o patrimônio textual da humanidade estaria disponível por meio da transmissão eletrônica. Não há um lugar da biblioteca, já que o lugar em que se dá a apropriação desses escritos é o lugar de cada leitor. Cada um, de seu lugar, pode ter acesso a esse patrimônio.

Esse autor, contudo, adverte que essas possibilidades virtuais indicam transformações que fazem parte de um ponto de vista teórico e apresentam seus riscos. O primeiro no que tange ao excesso textual, *“um mundo proliferante e incontrolável”* (ibid, p:147) que não possa ser manejado, que confunda, esmague o leitor mais do que o ajude. As implicações econômica e política quanto ao controle sobre esse repertório textual surgem como outro risco, impondo *“escolhas, negociações e resistências”* (ibid, id). E o terceiro risco apontado por

esse autor consistiria no esquecimento do mundo dos escritos impressos, o mundo do livro em sua forma material.

*“Por isso digo que, ao mesmo tempo que devem-se explorar e se controlar as novas possibilidades procuradas pela reprodução eletrônica dos textos, devem-se manter lugares em que a inteligibilidade da cultura do códice, do manuscrito ou do impresso seja sempre acessível, compreensível, como um mundo textual que ainda é nosso majoritariamente. É tarefa e missão das bibliotecas, mas não apenas das bibliotecas, manter a inteligibilidade da cultura textual, livresca e impressa tal como a conhecemos, pois sempre se corre o risco entre os bibliotecários de transladar um texto de um suporte para outro, considerando que se cria assim uma equivalência, enquanto que o importante em um dado momento é manter, conservar ou dar acesso ao primeiro suporte”.* (ibid, id)

Em contrapartida, outros autores (Melo, 1999; Perrotti, 1999) advogam a decadência desse modelo de biblioteca, atribuindo a ela resquício de um passado aristocrático e discriminatório. Haveria, em seu lugar, um centro irradiador que apresentasse diversos registros do conhecimento, uma *“imagem da nova biblioteca, concebida não mais como centro de outorga do conhecimento livresco, mas como um autêntico núcleo de comunicação cultural”* (Melo, 1999, p:91).

Contudo, para a comunidade de educadores e alunos dessa escola, a biblioteca constitui ponto de referência insubstituível. As práticas de leitura existem em outros espaços escolares, como a sala de aula, mas a presença desse *“santuário”* nas palavras de Renata, professora entrevistada, é condição de visibilidade da identidade dessa instituição, que prima pela formação de excelência de seus alunos e é referencial de consulta dos professores.

É importante perceber como essa instituição e suas práticas, e aqui me atendo as de leitura e escrita, estão intimamente relacionadas - ou mesmo inspiradas - à sua forma arquitetônica e à distribuição de seus espaços. Os ambientes largos e altos de imponência visual, os corredores e escadarias de mais de século, de certa forma, inspiram a todos que transitam por esses espaços no cotidiano de trabalho e estudo. E a grande biblioteca se insere nessa percepção, sendo respeitada e reverenciada por todos.

### 4.3 Concluindo...

Tentei, nesse capítulo, descrever e analisar os principais dados coletados, principalmente, a partir das observações e entrevistas realizadas no que tange as práticas escolares relacionadas à leitura e à escrita, no que considerei principais espaços e momentos dessa instituição escolar. O que proponho considerar principalmente é a necessidade de relativizar posturas reificantes e generalizantes no que concerne a essas práticas nos diversos suportes e espaços escolares.

Tanto nas práticas que denominei “relacionais” quanto nas “didáticas”, revelou-se um tecido multifacetado de práticas e representações que constitui a própria identidade dessa instituição e fala de sua cultura. E foi no emaranhado supostamente incoerente dessa teia que emergiu um padrão de valores, de atitudes, de práticas e representações, um texto, no qual procurei ler essa cultura e analisar as interpretações que dela fazem os sujeitos que transitam pelos espaços desse colégio.

No próximo capítulo, procurarei focar as práticas de leitura e escrita de professores e alunos nos seus diversos suportes, dentro e fora do ambiente escolar. O manuscrito, o impresso, o digital e os usos da internet.